

MULHER E FÍSICA: UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO

Érica Jaqueline Soares Pinto [*]

Valquíria Gila de Amorim [**]

Maria Eulina Pessoa de Carvalho [***]

[*] Doutoranda em Educação - Universidade Federal da Paraíba – UFPB ericajsp@gmail.com

[**] Mestra em Educação – Universidade Federal da Paraíba - UFPB valquiriagila@gmail.com

[***] Doutora em Educação - Universidade Federal da Paraíba – UFPB maria.eulina@pq.cnpq.br

Resumo

A representação feminina nas Ciências Exatas ainda é minoritária. No curso de Física, lócus deste trabalho, as mulheres que conseguem ingressar e progredir no curso e carreira são raras. Com o objetivo de visibilizar a história de sucesso de uma dessas poucas mulheres, considerando as desigualdades de gênero, utilizou-se uma abordagem qualitativa, através da entrevista estruturada com uma jovem doutora, professora substituta de Física de um Instituto Federal de Educação Tecnológica, na Paraíba, envolvendo sua trajetória escolar, acadêmica e profissional. Os resultados apontam uma trajetória difícil, marcada pelo preconceito e discriminação de gênero, pela pressão para mostrar capacidade diante dos homens durante a formação, além das ausências e renúncias pessoais e familiares. No exercício docente, destaca-se o descrédito dos/as estudantes perante uma professora de Física. O projeto de pesquisa foi financiado pelo CNPq.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Física. Educação. Profissão.

Introdução

Este artigo, produto de um projeto financiado pela Chamada MCTI/CNPQ/MEC/CAPES nº 22/2014 - Ciências Humanas e Sociais (CARVALHO, 2014), tem como foco o sucesso profissional de uma professora de Física, considerando as desigualdades de gênero ao longo da sua trajetória acadêmica e profissional.

O interesse por este estudo surgiu dos estudos de gênero e discussões sobre igualdade, equidade e desigualdade no campo científico e acadêmico. Sabe-se que as Ciências Exatas são um campo predominantemente masculino. O Censo Brasileiro de Educação Superior de 2011 (INEP, 2013) apontava que a representatividade masculina era maior nos cursos de Engenharia Mecânica e Metalúrgica (90,7%), Eletrônica e Automação (88,5%), enquanto que as mulheres estavam concentradas em áreas como: Serviços de Beleza (97,2%), Ciências da Educação (92,3%), Secretariado e Trabalhos de Escritório (91,2%), Serviço Social e Orientação (91,0%) – e esse quadro persiste.

Embora sejam muitos os cursos das Ciências Exatas em que as mulheres estão subrepresentadas, elegeu-se o de Física pelo seu prestígio científico. No Brasil contaram-se, nos últimos 100 anos, apenas 10% a 12% de mulheres na graduação, como explicitam Agrello e Garg (2009). Na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, por exemplo, há um percentual acentuado de homens entre discentes, tanto no Bacharelado como na Licenciatura: em 2011, apenas 18,6% das matrículas no Bacharelado e 14,2% na Licenciatura eram de mulheres (CAVALHO e RABAY, 2013). Na pós-graduação, em 2014, eram apenas 4 mestrandas num corpo discente de 26, e 7 doutorandas num corpo discente de 63, segundo levantamento realizado pelas autoras. Na docência não é diferente, existiam apenas duas professoras mulheres no Departamento de Física.

Esses números indicam a relevância de mais estudos sobre essa temática, principalmente para evidenciar o êxito feminino na pós-graduação e ingresso na carreira profissional, em um campo masculinizado.

Metodologia

Chegou-se à professora Letícia (nome fictício), doutora em Física e docente de um Instituto Federal de Educação Tecnológica, através de uma indicação. O primeiro contato com ela foi por telefone, convidando-a a relatar sua trajetória na Física. Devido à sobrecarga de trabalho e falta de tempo, ela optou por responder a uma entrevista estruturada via e-mail. As perguntas foram enviadas dia 19 de junho de 2015 e prontamente respondidas em dois dias.

A entrevista por e-mail permitiu que a professora respondesse de acordo com o seu tempo e conveniência, e elaborasse minuciosamente as lembranças de sua memória, o que demonstra a viabilidade desta estratégia metodológica. No entanto, houve uma fragilidade que merece ser destacada: durante as análises dos dados observam-se lacunas em relação às questões de gênero nas respostas de Letícia, uma vez que não houve oportunidade de intervenção das investigadoras. Mesmo assim, puderam ser resgatados vários aspectos de gênero na fala de Letícia e as brechas identificadas foram contempladas numa segunda entrevista, desta vez, presencialmente, em 6 de julho de 2015.

As perguntas foram divididas em três tópicos principais: o interesse pela Física durante a educação básica, experiências de gênero na educação superior e pós-graduação, e na vida profissional e social. No primeiro tópico, destacaram-se as disciplinas de afinidade e o despertar para a Física. No segundo, enfatizou-se a escolha pelo curso superior de Física, a influência familiar e de professores/as, as dificuldades sofridas e obstáculos superados durante a graduação e pós-graduação, bem como as vantagens e desvantagens de ser mulher em um curso majoritariamente masculino. No terceiro, foi abordada a vivência como professora de Física, as dificuldades, os sucessos e o tratamento por parte dos colegas de trabalho e alunos/as, além da conciliação entre vida pessoal, social e ascensão na carreira.

A análise dos dados permitiu identificar a vivência difícil como estudante e professora de Física, marcada pelo preconceito e discriminação com base nas relações hierárquicas de sexo e gênero, mas superadas e “dribladas” por Letícia, que mostrou ser uma mulher empoderada e consciente das desigualdades sofridas.

Ser mulher em uma profissão masculinizada: a história de Letícia

A história de Letícia desvela sua inserção na carreira de Física, desde seu interesse em disciplinas de ciências exatas na educação básica, passando pela vivência acadêmica e atuação como professora de Física. Foi possível evidenciar a superação de obstáculos e o sucesso alcançado em uma conjuntura de preconceito e discriminação, destacados nos três tópicos a seguir, que ilustram as vivências de mulheres em campos majoritariamente masculinos, especificamente na Física.

Educação Básica: o interesse pela Física

Assim que comecei a ter contato com os números, já apresentei facilidade em realizar as operações fundamentais, sempre tive facilidade com Matemática (...). Aos 8 anos de idade já sabia toda a tabuada. Antes disso ficava escrevendo-os, em folhas e mais folhas, até que me dei conta que eles não tinham fim (Letícia).

Segundo Schienbinger (2001), com disciplinas das Ciências Exatas, como Matemática, Física e Química, os homens se identificam mais do que as mulheres. Letícia constituiu uma exceção: durante a escolarização básica, desde o início do Ensino Fundamental, já mostrava ter facilidade com os números.

Sabe-se que no contexto familiar, onde ocorre a socialização primária, o estímulo e opinião de familiares influenciam os gostos e valores das crianças e jovens, inclusive os papéis profissionais que desempenharão (SAAVEDRA, TAVEIRA, SILVA, 2006, p. 51). Sendo assim, é possível situar a facilidade de Letícia com a Matemática na vivência e estímulo familiar, como ela mesma contou:

Sempre tivemos muitos livros em nossa casa e um dos meus passatempos favoritos era resolver problemas de Matemática, inclusive de séries mais avançadas. Também gostava de ler livros de Ciência. Minha afinidade maior sempre foi com a Matemática e a Física. (...). Minha irmã mais velha sempre foi uma grande incentivadora, pois me falava sobre as coisas que estudava, me motivando a aprendê-las. Também observava meu pai fazendo contas de cabeça e ele, frequentemente, me ensinava seus truques. Ele foi um dos meus grandes exemplos, achava bonito vê-lo fazendo cálculos mentais.

Nesta mesma perspectiva, conforme apontam Gardiner (2013) e Olinto (2012), reconhece-se que o papel dos/as professores/as na educação básica é fundamental para que as meninas gostem de disciplinas de cálculo e aumentem suas oportunidades profissionais no campo das Ciências Exatas e Tecnológicas, como revela Letícia:

Meu interesse com a Física começou antes mesmo de estudá-la, quando minha irmã mais velha começou a cursar o 1º ano do Ensino Médio. Ela tinha um professor muito bom, ela falava muito bem dele, dizia que era uma disciplina difícil, mas que o professor a tornava mais interessante, fazendo experimentos para mostrar a aplicação desta ciência no cotidiano. A partir de então comecei a ler os livros de Física da minha irmã e não via a hora de estudar esta disciplina.

Para Whitaker (1997, p. 57), “gostar muito de uma disciplina pode significar apenas que existe na escola um bom professor, que angariou a simpatia do jovem”. No entanto, a autora chama a atenção para testar esse gosto pela disciplina sem a influência do/a professor/a e foi exatamente o que aconteceu com Letícia. Mesmo estimulada e com boas expectativas referentes ao professor de Física, influenciada pela irmã, ela não teve a oportunidade de estudar com ele, mesmo assim, não se sentiu desmotivada: *quando cheguei ao Ensino Médio este professor [elogiado pela irmã como um bom professor] saiu da escola (...). E os professores de Física que tive foram péssimos, mas mesmo assim continuei estudando esta disciplina pelos livros.*

Nota-se que o interesse de Letícia pelas disciplinas de cálculo, sobretudo a Matemática e a Física, independia de professores/as. Neste contexto, a entrevistada revela que se interessou ainda mais pela Física quando resolveu fazer o Curso Técnico em Eletroeletrônica no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, quando ainda fazia o 2º ano do Ensino Médio: *“lá aprendi um pouco mais sobre Física, inclusive a parte experimental e agucei minha necessidade de compreender o funcionamento do mundo que está ao nosso redor”*. Mesmo assim, ainda não foi nesse momento que Letícia decidiu fazer o vestibular para Física, *“porque a única área de atuação, a princípio, seria a docência”*.

Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações de gênero leva as mulheres a procurarem carreiras que representam o prolongamento das atividades domésticas e de cuidados

com a família (BOURDIEU, 2011), como a docência, Letícia vai na contramão do que é culturalmente ensinado às mulheres, ao afirmar que não queria fazer o curso de Física, mesmo gostando da área, porque a perspectiva era ser professora.

Sendo assim, sentiu-se propensa a fazer o curso superior de Engenharia Elétrica, como ampliação do curso técnico em Eletroeletrônica. Entretanto, não havia oferta desse curso no município onde residia e, como seus familiares não tinham condições financeiras de mantê-la longe de casa, resolveu, estimulada por um dos instrutores do SENAI, fazer vestibular para dois cursos que se relacionavam com Engenharia Elétrica: Física e Telecomunicações. Ela passou no primeiro vestibular para os dois cursos, sendo o de Física em uma universidade federal e o de Telecomunicações em um instituto federal, e graduou-se nos dois cursos.

Nota-se que os cursos escolhidos por Letícia foram da área das Ciências Exatas e Tecnológicas, diferentemente das escolhas da maioria das brasileiras, que se concentram nos cursos das Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências da Educação e Ciências da Saúde, embora constituam a maioria dos ingressos, matrículas e conclusões na graduação (INEP, 2013).

Educação Superior: experiências no curso de Física

Letícia ingressou na Licenciatura em Física, em 2004, e logo depois no Bacharelado, em 2006.

Conforme explicitam Cooper & Eddy et al (2010), embora majoritariamente presentes na Educação Superior, nos países ocidentais, as mulheres estão em condição e posição de desvantagem, principalmente em cursos dominados por homens. No entanto, Letícia parece não perceber o sexismo existente no mundo acadêmico da Física e afirma que: *“não me recordo de ter tido vantagem ou desvantagem ao longo do curso em função de minha condição de gênero”*.

Compreende-se, contudo, que o clima frio, ao qual Cooper & Eddy et al (2010) se referem, inclui ações sexistas sutis, como o maior encorajamento de homens do que de mulheres em atividades acadêmicas, o uso de estereótipos de masculinidade e feminilidade, a atribuição das conquistas femininas a algo que não seja relacionado às suas competências, a omissão das

contribuições culturais e individuais femininas, dentre outras. E foi exatamente uma destas ações que Letícia mencionou:

Agora, o que se percebe é certa falta de credibilidade nas mulheres, um olhar um pouco diferente, que lhe 'obriga' a mostrar que você é tão capaz quanto um homem ou até mais. Se espera menos das mulheres, que por sua vez, para garantir seu espaço, sempre têm que se esforçar mais, mostrar mais resultado para poder se afirmar. Você tem que se esforçar para ser acima da média, pois, em geral, se espera um resultado negativo das mulheres.

Dentre as barreiras enfrentadas pelas mulheres em cursos/profissões masculinas, a necessidade de provar continuamente a competência profissional para se afirmarem diante de si mesmas e diante do grande grupo de homens é uma vivência complicada (LOMBARDI, 2008), que mostra a falta de reconhecimento da capacidade e sucesso intelectual das mulheres em campos de conhecimento masculinizados, produzindo o desestímulo de muitas, como descrevem Velho e Leon (1998). Porém, Letícia mostrou driblar essas situações, evidenciando seu empoderamento:

Diretamente nunca fui constrangida, mas talvez pelo fato de ter personalidade forte e de certa forma inibir esse tipo de prática. Nunca dei espaço para que minha capacidade fosse posta em cheque. Quando me deparava com esse tipo de coisa, eu estudava para tirar nota melhor do que todo mundo.

Vale ressaltar que empoderamento é um mecanismo pelo qual as pessoas, “tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir” (SILVA 2009, p. 22). Assim, Letícia revela que foi/é uma mulher empoderada, consciente de suas capacidades, motivada a competir, resistindo e enfrentando às relações de poder, machistas e sexistas presentes no curso de Física.

Provar que é tão capaz quanto os homens não foi o único desafio enfrentado por ela. Um obstáculo, ainda maior, revela a forma explícita de discriminação e desrespeito às mulheres na Educação Superior, sobretudo em cursos masculinizados: o assédio sexual.

Um professor me assediou. Por não ter sido correspondido, passou a me constranger em sala de aula, fazendo perguntas insistentes quando ministrava o assunto e todas direcionadas apenas a mim. Ele era meu orientador, mas depois do assédio deixei de realizar pesquisas com ele.

O assédio sexual é uma das formas mais perversas de menosprezar as mulheres física e moralmente, limitando-as a apenas um corpo. Para Freitas (2001), o assédio sexual decorre de uma relação desigual, em que um sujeito dispõe de formas de penalizar o outro, usando o sexo como um preço a ser pago. Como Letícia não se submeteu ao assédio, este professor proibiu a publicação de um trabalho que orientou, e ela teve que desistir de um congresso para o qual já tinha pago a submissão. No entanto, Letícia não se intimidou, pelo contrário, resolveu deixar de fazer pesquisas com o professor e pediu troca de orientador, mostrando, mais uma vez, que ela teve consciência da situação e se sentiu livre para reverter-la.

Se é difícil encontrar mulheres no curso de graduação em Física, na pós-graduação a proporção delas é ainda menor. De acordo com Agrello e Garg (2009, p. 1305-2), em quase todos os países, o percentual de mulheres na Física “decrece a cada etapa da carreira acadêmica e em cada nível de promoção no exercício profissional”, de tal forma que menos de 20% dos títulos de doutorado em Física são de mulheres. Isto revela um fenômeno conhecido como “efeito tesoura”, ou seja, cresce o número de homens e, paralelamente, se estabiliza ou decrece o de mulheres, conforme explicam Vasconcellos e Brisolla (2006).

Na contramão dos números nacionais e internacionais, mas a favor de sua realização acadêmica e profissional, Letícia fez mestrado e doutorado: “*as oportunidades quando se termina o curso de Física são muito escassas, basicamente é sala de aula*”, por isso ela resolveu ingressar na pós-graduação para ter “*melhor remuneração, bem como sólida formação acadêmica*”. Ela ressalta que “*hoje, após muita dedicação e esforço*”, é Doutora em Física e ainda assegura: “*a próxima meta a ser alcançada é ser aprovada em um concurso público para professora efetiva*”.

A experiência acadêmica de Letícia, desde a graduação, revela que vários obstáculos referentes às relações de desigualdade de gênero foram enfrentados e superados. No momento da entrevista ela era professora substituta de um instituto federal e não pretendia parar de crescer profissionalmente na área da Física, galgando postos mais altos na carreira e não se submetendo

às condições de desigualdade enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho como a remuneração diferenciada em funções iguais às dos homens, como afirma Kergoat (2009).

Profissão e o ingresso na carreira docente

No exercício profissional docente, Letícia leciona as disciplinas de Física II e III no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico em um instituto federal. Embora já esteja profissionalmente atuando na área da Física, isso não quer dizer que deixou de sofrer preconceitos e discriminações de gênero.

Letícia conta que ocorrem “brincadeiras” sexistas entre colegas, “*mas não ao ponto de me incomodar, de todo modo sempre as rebato com o mesmo tom de brincadeira*”. Embora ela não se permita abater, é importante lembrar que apelidos, chacotas, zombarias, reproduzidos no nosso cotidiano de forma naturalizada, são uma tentativa de mascarar uma atitude discriminatória, visto que “são colocadas sempre como brincadeiras inocentes, sem caráter ofensivo” (SILVA, 2013, p. 221), mas afetam negativamente as mulheres.

Além disso, Letícia enfatiza que uma das dificuldades de ser uma professora de Física é o estranhamento dos/as alunos/as ao verem-na chegando em sala de aula:

Os alunos quando vão assistir aula de Física esperam se deparar com um homem como professor, e é notório o sentimento que surge nos primeiros dias de aula, um misto de surpresa e falta de credibilidade com relação ao professor, ou melhor, professora. Isso só é superado com o decorrer das aulas e a constatação de que uma aula de Física ministrada por uma mulher pode ser tão boa, ou até melhor, que a de um homem.

A falta de credibilidade sofrida durante a graduação, por parte de professores, reaparece agora por parte de alunos/as. Embora a docência seja um campo feminilizado, com um número maior de mulheres do que de homens, ser professora de Física é incomum. Supõe-se que os/as estudantes esperam um professor de Física associado à imagem de dureza e inteligência, atributos pertencentes culturalmente ao universo masculino. Entretanto, essa relação homem–Física é uma

construção estereotipada, tanto da profissão como dos homens e mulheres, reforçando relações de gênero assimétricas, hierárquicas e de dominação masculina.

Concorda-se com Silva (2010) quando alega que o trabalho é uma das esferas sociais em que mais se acentuam as concepções de masculinidade e feminilidade, em que homens e mulheres assumem papéis tradicionais ou são cobrados e cobradas a assumirem. Em contraposição, Letícia busca sempre incentivar suas alunas a gostarem de Física, tendo a consciência de que é um modelo feminino para elas: *“eu tento motivar meus alunos de modo geral, mas quando vejo que uma menina tem interesse pela Física acabo instigando mais, basicamente convidando-a para participar das atividades extraclasse, tais como monitoria e a Olimpíada Brasileira de Física”*.

Conciliar estudo e/ou trabalho e família e/ou maternidade não é uma tarefa fácil em qualquer profissão, mas em profissões masculinizadas parece ser mais difícil. Carvalho, Rabay e Silva (2013), ao analisarem carreiras acadêmicas de mulheres em departamentos masculinos segundo as gerações, destacaram que as mulheres mais velhas, ao tentarem conciliar família e carreira, adiaram o mestrado ou doutorado e dedicaram-se ao ensino de graduação; e as mais jovens, com doutorado, adiaram o casamento e/ou a maternidade. É exatamente a realidade de Letícia, que, muito jovem, com 29 anos, já é doutora e professora substituta de um instituto federal, reconhecendo que casamento e maternidade são planos futuros.

Da mesma forma, a pesquisa de Cartaxo (2012) sobre mulheres na Física, ressalta como é difícil conciliar carreira, maternidade e cuidados com a família, resultando em que muitas mulheres abrem mão de uma coisa ou de outra devido às cobranças sociais e autocobranças, tanto do ponto de vista familiar quanto profissional.

Nesse sentido, Letícia deixa claro que a Física é egoísta porque ser casada ou ter filhos/as nesta profissão certamente interferiria *“negativamente no rendimento acadêmico/profissional”*. Ela até já acabou alguns namoros *“por achar que estavam atrapalhando meus estudos”*. Além disso, só ultimamente, *“após o término do doutorado, tenho conseguido participar mais das comemorações em família”*.

Considerações finais

Este trabalho objetivou analisar a história de sucesso de uma mulher na Física, abordando três dimensões fundamentais: interesse pelo curso de Física na Educação Básica; experiências durante a graduação e pós-graduação no curso de Física; e o exercício profissional e a conciliação da carreira com a vida familiar e social. Foi possível mostrar o empoderamento de Letícia, jovem professora de um instituto federal, para romper as adversidades existentes no percurso formativo e ingresso na carreira.

Durante a Educação Básica viu-se que o incentivo de familiares e professores/as foi fundamental para que Letícia gostasse das disciplinas de cálculo e se interessasse pela Física. Na Educação Superior, ela driblou o sexismo e a falta de credibilidade das mulheres, e nem mesmo o assédio sexual sofrido na pós-graduação foi obstáculo ou desestímulo à dedicação à formação e ao desejo de crescer na carreira.

No exercício da profissão docente Letícia não se deixou abater pelas “brincadeiras” sexistas de colegas, nem pela falta de credibilidade por parte de seus/suas alunos/as, revelando que não se intimida diante das construções estereotipadas da profissão (a imagem masculina do físico e cientista) que reforçam relações de gênero assimétricas e hierárquicas. Mas, quanto à vida social e pessoal, Letícia admite que a Física é egoísta e que a sua dedicação adia momentos familiares, namoros, casamento e maternidade.

Diante dos achados, conclui-se que para Letícia permanecer e ascender na carreira de Física vivenciou episódios de preconceito e discriminação de gênero, mas superou os obstáculos à medida que foi empoderada, destemida, consciente de sua capacidade e resistente às relações de poder (machismo e sexismo). Sendo assim, considera-se importante empoderar mais mulheres, tanto na educação básica, para que estas se sintam atraídas e estimuladas a gostarem de disciplinas das Ciências Exatas, quanto na educação superior, para que estejam preparadas para enfrentar e denunciar o preconceito de gênero existente principalmente em cursos de predomínio masculino.

Espera-se, portanto, que a história de Letícia dê visibilidade à problemática do ingresso e da permanência das mulheres nos campos científicos masculinos, e que outras mulheres possam se identificar com ela, concordando com Kergoat (2009) que, para superar a condição de

desigualdade feminina, as mulheres precisam ser visibilizadas nas várias áreas do conhecimento.

Referências:

AGRELLO, D. A. e GARG, R. Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. **Revista Brasileira Ensino Física**. Vol.31, n.1, 2009, p. 1305.1-1305.6.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARTAXO, S. M. C. **Gênero e Ciência: um estudo sobre as mulheres na Física**. 2012, 126f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CARVALHO, M. E. P de. **Relações de gênero em cursos masculinos: engenharias mecânica e civil, física, matemática e ciência da computação**. Projeto 471892/2014-9, Chamada MCTI/CNPQ/MEC/CAPES nº 22/2014 - Ciências Humanas e Sociais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. **Gênero e educação superior: apontamentos sobre o tema**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

_____; _____. SILVA, L. B. Carreiras docentes de mulheres em departamentos masculinos: mudanças geracionais. Trabalho apresentado no **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos**. Florianópolis, 2013.

COOPER, J.; EDDY, P.; Hart, J.; Lester, J.; Lukas, S.; Eudey, B.; Glazer-Raymo, J.; Madden, M. Improving gender equity in postsecondary education. In: KLEIN, S. S. (Gen. Ed.). **Handbook for Achieving Gender Equity through Education**, 2. ed., New York and London: Routledge, 2010. p. 631-653.

FREITAS, M. E. **Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações**. *RAE*, v. 41, n. 2, p. 9, 2001.

GARDINER, B. Mulheres são minoria em segmento que muda o mundo: a computação. **Folha de São Paulo**, 18 mar. 2013. Tec (online). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/03/1247285-mulheres-sao-minoria-em-segmen-to-que-esta-muda-o-mundo-a-computacao.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2014.

INEP. **Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico**. Brasília: INEP, 2013.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

LOMBARDI, M. R. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. In: COSTA, A. O. et al. (Orgs). **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 387-402.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

SAAVEDRA, L.; TAVEIRA, M. C.; SILVA, A. D. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: factores explicativos e pistas para a intervenção. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 1, p. 49-59, 2010.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, J. B. de L. Perspectivas sociológicas sobre as desigualdades brasileiras: dos preconceitos aos pressupostos. In **Revista Argumentum**, v. 5, n.1, jan./jun, p. 216-234,2013.

SILVA, F. F. **Construção de projetos profissionais e redução da vulnerabilidade social:** subsídios p/ políticas públicas de orientação profissional no ensino médio. 2010. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 9. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VASCONCELLOS, E. C. C.; BRISOLLA, S. N. Presença feminina no estudo e no trabalho da ciência na Unicamp. **Cadernos Pagu**, n.32, 2009, p. 215-265.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, v. 10, p. 309-344, 1998.

WHITAKER, D. **Escolha da carreira e globalização.** 11. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

FEMALE IN PHYSICS: A TRAJECTORY OF SUCESS

Abstract

Female representation in the Exact Sciences is still low, particularly in Physics, where women who manage to enter and progress in preparation and career are rare. Considering gender inequalities and aiming to make visible the success story of one of these few women, through a qualitative approach, a structured interview was conducted with a young Physics doctor and instructor at a Federal Institute of Technological Education in Paraíba, Brazil, focusing on her formative and professional trajectory. The results indicate a difficult trajectory, marked by gender bias and discrimination, pressure to show capacity in front of men during the training years, in addition to personal and family absences and restraints. In teaching, the lack of credit of a female professor of Physics before students stood out. The research project was funded by CNPq/Brazil. **Keywords:** Gender. Women. Physics. Education. Profession.

MUJER Y FÍSICA: UNA TRAYECTORIA DE ÉXITO

Resumen

La representación femenina en las Ciencias Exactas sigue siendo minoritaria. En el curso de Física, el locus de este trabajo, las mujeres que logran ingresar y progresar en el curso y carrera son raras. Con el objetivo de visibilizar la historia de éxito de una de esas pocas mujeres, considerando las desigualdades de género, se utilizó un abordaje cualitativo, a través de la entrevista estructurada con una joven doctora, profesora sustituta de Física de un Instituto Federal de Educación Tecnológica en Paraíba, Brasil, envolviendo su trayectoria escolar, académica y profesional. Los resultados apuntan una trayectoria dificultosa, marcada por el prejuicio y la discriminación de género, por la presión para mostrar capacidad ante los hombres durante la formación, además de las ausencias y renunciaciones personales y familiares. En el ejercicio docente, se destaca el descrédito de los/as estudiantes ante una profesora de Física. El proyecto de investigación fue financiado por CNPq/Brasil.

Palabras clave: Género. Mujeres. Física. Educación. Profesión.

Recebido em 30 de julho de 2015 e aprovado para publicação em 30 de março de 2019.